



## Resenha da coletânea “Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas”

IBRI, Ivo Assad. *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas*. v. 1–2. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica; São Paulo: Editora FiloCzar, 2020–2021. 260 p. + 328 p.

Max Rogério Vicentini <sup>[a]</sup> 

Maringá, PR, Brasil

[a] Universidade Estadual de Maringá (UEM)

**Como citar:** IBRI, Ivo Assad. *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas*. v. 1–2. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica; São Paulo: Editora FiloCzar, 2020–2021. 260 p. + 328 p. Resenha de: Vicentini, Max Rogério. Resenha da coletânea “Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas”. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 37, e202533405, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2965-1557.037.e202533405>

### Resumo

A coletânea *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas*, vols. 1–2, de Ivo Assad Ibri, apresenta-se como a consolidação de um projeto filosófico inspirado em Peirce, estruturado em torno da noção de “interface” como mediação criativa. Ibri reconstrói sistematicamente o pragmatismo, partindo da faneroscopia e das ciências normativas até a metafísica, ressaltando a lógica das categorias e o realismo dos universais. A teoria dos hábitos ganha centralidade, reinterpretada pelo par Chronos/Kairós como articulação entre estabilidade e inovação. A estética, concebida como ciência dos fins, ocupa papel originário, fundamentando ética e lógica. A obra dialoga com problemas contemporâneos, como *fake news* e crise da crença, articulando filosofia, técnica e política. Assim, Ibri transforma a herança peirciana em filosofia própria, rigorosa e poética, orientada pela abertura ao novo.

**Palavras-chave:** Peirce. Ibri. Filosofia. Estética. Semiótica.

[a] Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), e-mail: [mrvicentini@uem.br](mailto:mrvicentini@uem.br)

## Abstract

*The two-volume collection Semiotics and Pragmatism: Theoretical Interfaces, by Ivo Assad Ibri, stands as the consolidation of a philosophical project inspired by Peirce, structured around the notion of “interface” as creative mediation. Ibri systematically reconstructs pragmatism, moving from phaneroscopia and the normative sciences to metaphysics, emphasizing the logic of categories and the realism of universals. The theory of habits takes center stage, reinterpreted through the pair Chronos/Kairós as an articulation between stability and innovation. Aesthetics, conceived as the science of ends, plays an originating role, grounding ethics and logic. The work engages with contemporary issues such as fake news and the crisis of belief, bridging philosophy, technology, and politics. Thus, Ibri transforms the Peircean legacy into his own philosophy, rigorous and poetic, oriented toward openness to the new.*

**Keywords:** Peirce. Ibri. Philosophy. Aesthetics. Semiotics.

---

A obra *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas*, vols. 1-2, de Ivo Assad Ibri, não deve ser lida como uma simples reunião de ensaios escritos ao longo de décadas, mas como a consolidação de um projeto filosófico que se constrói de forma orgânica a partir da herança de Charles Sanders Peirce. O termo “interface”, presente no título da coletânea, sugere a vocação da filosofia de Peirce — e também da de Ibri — de atravessar campos distintos e pô-los em comunicação, fazendo da mediação o traço central de ambos os projetos. Como lembra André De Tienne no prefácio, a tarefa do filósofo é ser a “face mediadora através da qual as demais faces se veem e se ouvem sem suas vendas tendenciosas” (Ibri, 2021, p. 22). Essa formulação permite pensar a interface não apenas como lugar de mediação, mas como momento de suspensão das cristalizações, em que se libera a energia criativa da primeiridade — o frescor estético do novo, que antecede toda regra e dá vitalidade ao sistema. Nesse cenário, Ibri se mostra não apenas um intérprete rigoroso de Peirce, mas também um pensador criativo, capaz de transfigurar essa herança em filosofia própria, marcada por sua força poética e inventiva.

Desde as primeiras páginas, Ibri apresenta o pragmatismo de Peirce em sua coerência sistemática. Trata-se de um organismo filosófico que parte da faneroscopia, atravessa as ciências normativas — estética, ética e lógica — e culmina na metafísica em diálogo com a cosmologia evolucionária, tendo a semiótica como eixo transversal de articulação. O sistema, tal como o reconstrói, é inseparável de uma ontologia realista e de uma lógica das categorias universais. Não se trata, portanto, de uma filosofia atomizada, mas de um todo orgânico em que cada parte mantém relação assimétrica de dependência com as demais. Convém registrar que a primeira proposta dessa reconstrução sistemática foi apresentada por Ibri em *Kosmos Noetós* (1ª ed. 1992; reedição 2015), ponto de partida para os desenvolvimentos amadurecidos nestes dois volumes.

A função interfacial não é apenas uma estratégia metodológica, mas uma exigência ontológica. Na medida em que a realidade é compreendida como processo semiótico, todo fenômeno se dá numa rede de mediações, de relações assimétricas em que um termo depende de outro sem que a recíproca seja necessariamente verdadeira. Essa lógica da abstração precisiva — no sentido peirciano de precisão (*prescission*), que permite isolar analiticamente um aspecto sem romper sua dependência dos demais — é retomada por Ibri para mostrar como a fenomenologia conduz às ciências normativas e estas à metafísica. Aqui ‘conduz’ deve ser lido em chave precisiva: a fenomenologia pode ser considerada sem as normativas e a metafísica; estas, porém, pressupõem a primeira (e a segunda). Trata-se de uma distinção analítica, não de uma separação ontológica. A filosofia, portanto, não é um amontoado de disciplinas, mas um contínuo de interfaces, e é nesse contínuo que se renova o sentido do pragmatismo.

Entre os temas centrais do livro, a teoria dos hábitos recebe tratamento de destaque. Em Peirce, o hábito é a cristalização do interpretante lógico, o ponto em que o significado de um signo se traduz em regra de conduta. Ibri aprofunda essa concepção ao propor, como chave interpretativa original, o par Chronos/Kairós para pensar a temporalidade dos hábitos e seu nexos com a experiência estética. Nessa leitura, todo hábito se inscreve no fluxo objetivo de Chronos — o tempo contínuo da terceiridade que assegura regularidade e estabilidade —, mas só revela sua vitalidade quando é interpelado por Kairós, o instante oportuno em que o acaso irrompe, desestabilizando a rotina e introduzindo uma qualidade inesperada que nos afeta esteticamente. É nessa irrupção do inédito — experiência sensível que encanta ou desconcerta — que o hábito se reconfigura e o sistema reencontra sua energia criadora. Segundo Ibri (2021, p. 95–96), Peirce escreve: “Não creio que o hábito possa, por si mesmo, gerar desenvolvimento. É a catástrofe, o acidente, a reação que conduz o hábito a uma condição ativa e cria um hábito de mudança de hábitos”.

Assim, o hábito é simultaneamente lógico e estético: uma estrutura plástica, sempre aberta à invenção e condição do crescimento da mente e da comunidade interpretativa. Essa moldura, que conjuga estabilidade e ruptura, dialoga fecundamente com debates contemporâneos sobre criatividade e emergência na teoria da complexidade, bem como com discussões em filosofia da técnica acerca de automatização e inovação.

Essa leitura se articula diretamente com a defesa do idealismo objetivo, herança de Schelling reelaborada por Peirce. Ibrí mostra como, nesse âmbito, sujeito e objeto não se encontram em polos opostos, mas compartilham uma conaturalidade originária: a mente é prolongamento da natureza, e a natureza já é mente em potência. Essa tese sustenta o realismo dos universais, que se opõe tanto ao nominalismo quanto ao construtivismo. Para Peirce, os universais não são ficções da linguagem, mas hábitos efetivos da realidade, tendências que estruturam a experiência e se tornam inteligíveis pela semiose. Ibrí insiste que a realidade não se reduz ao conjunto de nossas representações, nem ao que selecionamos como relevante; trata-se de um processo em curso, dotado de indeterminação e continuidade, que escapa ao controle humano. O falibilismo, o sinequismo e a indeterminação formam, assim, o tripé que sustenta uma metafísica realista e não dogmática, sempre aberta à correção e ao novo. Essa defesa do realismo dos universais dialoga apenas de modo tangencial com discussões contemporâneas sobre realismo e fenomenologia; não implica filiação teórica, pois o enquadramento permanece pragmatista, ancorado na semiose e nos hábitos. Essa tensão é parte da fecundidade — e do risco — do projeto de Ibrí.

Essa ontologia oferece instrumentos para enfrentar, com rigor, dilemas centrais da contemporaneidade. O capítulo “Aspectos éticos das *fake news* e fatos alternativos: uma abordagem semiótico-pragmática” (p. 243-259) é exemplar: em vez de reduzir o problema à checagem de enunciados, Ibrí o situa na patologia dos hábitos de crença. O dano principal não está na falsificação pontual, mas no estreitamento do campo de significação pragmática: crenças rigidificadas, impermeáveis às exigências da experiência, corroem a plasticidade cognitiva e empobrecem a ação. O risco é, antes de tudo, epistemológico — sem excluir os desdobramentos éticos e políticos. Uma comunidade que abdica da abertura do sentido renuncia, com isso, às próprias condições de aprender com o real.

Contra esse risco, Ibrí convoca as ciências normativas. A estética, enquanto ciência dos fins, assegura a atratividade e a abertura da experiência; a ética, como disciplina da conduta, garante o autocontrole e a receptividade à alteridade. Em conjunto, estética e ética restauram a resiliência da mente e oferecem recursos para resistir à manipulação informacional que ameaça a democracia. Nesse ponto, a filosofia de Ibrí toca uma questão decisiva para o presente: sua análise das deformações da crença pode enriquecer o diálogo com teorias contemporâneas da informação, da comunicação e da epistemologia social, ampliando a interlocução entre pragmatismo e filosofia política.

A defesa do realismo dos universais confronta críticas antiessencialistas contemporâneas: Ibrí sustenta que “universais” são hábitos efetivos do real, não meras ficções linguísticas, o que recoloca a disputa para o plano da semiose e da prática. A noção de interface dialoga de modo produtivo, mas também tenso, com leituras da filosofia da técnica (p. ex., individualização e operação técnica) e com abordagens fenomenológicas que preferem descrever mais do que sistematizar. Por fim, situar a estética como “ciência dos fins” reforça o papel originário do sentir, mas exige esclarecer seus limites frente a leituras que deslocam a primazia normativa para a lógica. Essas fricções não diminuem a proposta; antes, testam sua força explicativa e sugerem novos desdobramentos.

O estilo de Ibri, rigoroso e poético ao mesmo tempo, reforça essa proposta filosófica. Não se trata de um discurso técnico árido, mas de uma escrita que, sem perder precisão, conserva a vivacidade estética. Nathan Houser, em epígrafe à apresentação escrita por Ferrara, observa que “há um núcleo estético na vida e na obra de Ibri que dá testemunho da convicção de Peirce de que, antes de haver significado, deve haver sentimento” (Ibri, 2021, p. 13). Essa convicção atravessa todo o livro. Ao falar do “resíduo do mundo que não cabe em nossas redes conceituais” (Ibri, 2021, p. 98-99), Ibri mostra-se atento ao inefável, ao que escapa à lógica, mas que, nem por isso, deixa de ser real. É nesse ponto que a filosofia encontra a poesia: quando o conceito não basta, é preciso recorrer a outras linguagens — a arte, a intuição, a metáfora — para dizer aquilo que insiste em permanecer fora do esquema.

A importância desta obra ultrapassa sua contribuição específica ao estudo de Peirce. Embora nascida de um diálogo rigoroso com a tradição pragmatista, ela adquire voz própria ao abordar questões de alcance universal. No plano internacional, a leitura de Ibri se insere nos debates centrais da comunidade peirciana — estética, metafísica e cosmologia —, mas singulariza-se pelo duplo movimento que marca sua filosofia: de um lado, o domínio rigoroso da obra de Peirce, reconstruída em sua coerência sistemática; de outro, a capacidade criativa e poética de reinterpretar esse legado, fazendo da estética o núcleo originário e prospectivo de sua proposta. Assim, a obra não apenas desdobra o legado peirciano, como também o projeta em novas direções, ampliando o escopo do debate pragmatista contemporâneo.

Embora o livro seja exemplar na reconstrução criativa do sistema peirciano, a proposta de Ibri suscita questões para o debate filosófico atual. Até que ponto sua metafísica dos universais dialoga com as críticas contemporâneas ao essencialismo? Como a noção de interface poderia ser posta em confronto com abordagens recentes da filosofia da técnica, da fenomenologia ou do pensamento pós-estruturalista?

Justamente por levantar tais questões, o livro mostra seu potencial de inspiração: a categoria de interface, o realismo dos hábitos e a centralidade da estética oferecem instrumentos conceituais férteis para pensar novos campos de investigação, da epistemologia da informação à ecologia filosófica, da teoria da complexidade às discussões sobre tecnologia e democracia. Essas lacunas não diminuem a relevância da obra, mas indicam os terrenos em que sua recepção poderá ser mais frutífera — seja pela adesão à sua proposta sistemática, seja pelo contraste que provocará em tradições filosóficas menos simpáticas ao idealismo e à metafísica realista.

Ao fim da leitura, compreende-se que *Semiótica e Pragmatismo: Interfaces Teóricas*, vols. 1-2 não é apenas um estudo rigoroso sobre Peirce, mas uma filosofia que encontra na estética sua condição originária e seu horizonte último. O sistema inteiro que Ibri reconstrói — dos hábitos às categorias, do idealismo objetivo à crítica das *fake news* — só faz sentido porque repousa sobre esse primeiro movimento estético: a irrupção do inédito, experiência qualitativa que antecede qualquer regra. É nesse solo que a ética se enraíza e que a lógica se torna possível, pois antes de todo juízo e de toda norma há sempre algo que nos atrai, que nos fere ou encanta, convocando-nos a interpretar.

Nesse sentido, a filosofia de Ibri desdobra o sistema peirciano em uma direção própria, em que o realismo dos universais e a lógica da semiose permanecem atravessados pela qualidade sentida da primeiridade. Ao mesmo tempo, ela oferece ao pensamento contemporâneo uma lembrança decisiva: na leitura de Ibri, sem estética não há ética nem lógica; na arquitetura normativa segundo Ibri, a estética precede e orienta a ética e a lógica; sem experiência sensível não há crença viva; sem abertura ao inesperado, não há

comunidade interpretativa capaz de crescer. O pragmatismo, reinterpretado por Ibri, é, portanto, uma filosofia da invenção e da criação, cujo núcleo é estético, mas cujo alcance é ético, lógico e político.

A lição que o livro deixa é clara e profunda: pensar é sempre também sentir, interpretar é sempre também experimentar. Habitar o mundo filosoficamente é reconhecer que a vida não se reduz a normas fixas nem a juízos mecânicos, mas se recria incessantemente no espaço das interfaces, em que o rigor conceitual e o vigor estético se encontram. Talvez seja essa a grande aposta de Ibri: que o futuro da filosofia depende de nossa capacidade de assumir a estética como fundamento e a semiose como destino, construindo, no entrelaçamento dos signos, um mundo mais inteligível, mais admirável e justo.

## Referências

IBRI, Ivo Assad. *Kosmos Noetós – A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce*. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992; 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2015.

IBRI, Ivo Assad. *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas*. v. 1. 1ª. ed. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica; São Paulo: Editora FiloCzar, 2020. doi: 10.36311/2020.978-65-86546-93-4.

IBRI, Ivo Assad. *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas*. v. 2. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica; São Paulo: Editora FiloCzar, 2021. doi: 10.36311/2021.978-65-59541-28-7.

---

**Editores responsáveis:** Léo Peruzzo Júnior e Jelson Oliveira.

RECEBIDO: 18/08/2025  
APROVADO: 19/08/2025  
PUBLICADO: 09/09/2025

RECEIVED: 08/18/2025  
APPROVED: 08/19/2025  
PUBLISHED: 09/09/2025